

MODERNIZANDO O TEMA DO CRISTO BOM PASTOR. REACTUALIZAÇÕES À LUZ DE «VIDAS» DE PRELADOS EM PORTUGAL (SÉCULOS XVI-XVII)

PAULA ALMEIDA MENDES*

Resumo: Tendo como pano de fundo a problemática em torno da plasticidade do tema do Cristo Bom Pastor, este estudo procura chamar a atenção para os moldes em que, no contexto da Contra-Reforma, se assistiu à sua reactualização, declinada na revalorização do modelo de santidade «corporizado» pelo bispo, na linha das directrizes tridentinas, que favoreceram a exaltação do espírito evangélico, do zelo pastoral e da cura de almas, assumindo como referência os decretos conciliares.

Palavras-chave: Cristo Bom Pastor; hagiografia; biografia devota; bispo; Portugal; Época Moderna.

Abstract: Against the background of the plasticity of the subject of the Christ the Good Shepherd, this study seeks to draw attention to the ways in which, in the context of the Counter-Reformation, its actualization was observed, declined in the revaluation of the holiness model «embodied» by the bishop, in line with the Tridentine guidelines, who favored the exaltation of the evangelical spirit, pastoral zeal and healing of souls, taking as reference the conciliar decrees.

Keywords: Christ the Good Shepherd; hagiography; sacred biography; bishop; Portugal; Modern Age.

* CITCEM — Universidade do Porto. Este artigo segue o Acordo Ortográfico de 1945.

Tendo conhecido, desde a Antiguidade, uma larga fortuna no domínio da literatura e das artes, a figura do pastor encerra em si uma multiplicidade de significados, que não poderão, muito compreensivelmente, ser dissociados da muito significativa influência exercida pelas culturas de matriz greco-romana e judaico-cristã.

É bem sabido como a pastorícia constituiu, desde o Neolítico, uma das actividades de subsistência mais importantes entre as primeiras sociedades produtoras: disso nos dão testemunho alguns vestígios arqueológicos, assim como várias passagens do Antigo Testamento, na medida em que nos mostram que algumas das primeiras tribos de Israel eram constituídas por um significativo número de pastores. Com efeito, a importância de que se revestia a pastorícia, enquanto fonte de riqueza nas sociedades da Antiguidade, sobretudo no Médio Oriente e, especialmente, nas civilizações da Mesopotâmia, e o facto de estas culturas ancestrais considerarem os seus reis como legítimos representantes «divinos» entre o povo estimularia uma associação entre a figura do pastor e a do monarca, a partir do século III a. C.¹. O sincretismo entre determinados aspectos do Antigo e do Novo Testamento revestir-se-ia de uma importância muito significativa, na medida em que equacionariam e fundiriam na imagem simbólica do Cristo Bom Pastor². Como é sabido, em João 10: 1-18, lê-se que Cristo afirma claramente que é o Bom Pastor, na medida em que nutre as suas ovelhas não apenas com alimento material, mas também espiritual, ou seja, com a Sua Palavra³. De resto, a imagem do pastor e das suas ovelhas estimularia também vários e diversos comentários, no âmbito da literatura cristã produzida desde o século II⁴.

Revestindo-se de uma centralidade inegável na moldura do cristianismo primitivo, o tema do Cristo Bom Pastor tornar-se-ia, a par da representação do Cristo Filósofo, um dos motivos de maior fortuna na moldura da arte cristã dos primeiros séculos, nomeadamente na pintura mural e na escultura, que privilegiou duas versões de diferente natureza: uma delas representa Cristo, como pastor, de pé ou sentado no meio das suas ovelhas, declinando uma representação muito próxima da do tema de Orfeu; a outra, que conheceu maior fortuna, cristaliza a representação do Cristo Bom Pastor, transportando aos ombros a «ovelha perdida», reactualizando a tradicional representação de Hermes Crióforo, o Moscóforo ou Mercúrio Crióforo⁵.

No contexto do cristianismo, a imagem simbólica — ou metafórica, como defende Jean-Michel Spieser⁶ — do Bom Pastor, declinar-se-á em outras figuras, tais como o presbítero e, muito especialmente, o bispo, associada, sobretudo, ao seu múnus

¹ ALVES, 1996: 8-9.

² LECLERCQ, 1938; ALVES, 1996: 10-11.

³ CARDOSO, 1952: 123.

⁴ DULAËY, 1993: 3-22.

⁵ TÉZÉ, 1988; DUCHET-SUCHAUX & PASTOUREAU, 1994: 69; EUSÉBIO, 2005: 9-28; SPIESER, 2015.

⁶ SPIESER, 2015: 48-50.

pastoral, configurando uma moldura que se poderá considerar amplificada, se tivermos em conta que este assumirá um importante destaque no domínio da santidade, com o final das perseguições aos cristãos.

Ocupando uma relação privilegiada, enquanto medianeira entre Deus e os Homens, a figura do bispo, escorada no paradigma do Cristo «Bom Pastor» e no exemplo dos Apóstolos, conheceu uma larga fortuna no âmbito da escrita hagiográfica⁷, fixando-se como um novo modelo de santidade, a par do paradigma «corporizado» pelo mártir. Deste modo, as várias e diversas «Vidas» de bispos, compostas desde a Antiguidade tardia, foram estimulando a coagulação de um modelo de santidade, escorado na exaltação do seu zelo pastoral, a sua defesa da ortodoxia doutrinal e o seu saber bíblico e teológico⁸.

O texto de referência, no sentido de definição das normas que deveriam reger a missão e a acção do bispo foi, até ao final da Idade Média, o *Liber regulae pastoralis*, de Gregório Magno, cuja influência foi muito significativa, não só em todo o Ocidente medieval, como também no mundo bizantino⁹. Com efeito, segundo Réginald Grégoire, este texto veio a constituir-se como um autêntico manual programático para os bispos e os sacerdotes encarregados da «cura de almas».

Nos séculos X e XI, salienta este autor, particularmente no Sacro Império Romano-Germânico, assistiu-se ao desenvolvimento de uma literatura dedicada à exaltação das virtudes e das acções dos «santos» preladados, conhecida como *Gesta episcoporum*¹⁰, cujo propósito era, precisamente, mostrar como os seus protagonistas conseguiram encontrar um equilíbrio entre as suas funções públicas e políticas (*cura exteriorum*) e as preocupações de natureza moral e espiritual (*cura interiorum*).

Segundo o estudo estatístico realizado por André Vauchez, a maioria dos santos reconhecidos oficialmente pela Cúria romana entre 1198 e 1431 foram bispos¹¹. O estudo dos processos de canonização levado a cabo por André Vauchez permitiu a este autor delinear uma imagem do bispo nos últimos séculos da Idade Média. Segundo este autor, é possível constatar, através da análise dos depoimentos das testemunhas no âmbito dos processos de canonização, uma continuidade de um modelo definido, nas suas linhas-de-força, desde a Alta Idade Média, por toda uma tradição eclesiástica, mas também algumas mutações sofridas por este paradigma, entre os

⁷ GRÉGOIRE, 1996: 262.

⁸ GRÉGOIRE, 1996: 264.

⁹ VAUCHEZ, 1988: 329-330. O *De officiis ministrorum*, de Santo Ambrósio, foi também um dos textos antigos mais lidos durante a época medieval. Contudo, JEDIN, 1985: 13, considera que «più notevole e di più vasta conseguenza fu il fatto che dalle lettere pastorali paoline, e poi dalle lettere ed omelie di Cipriano, di Agostino, di Girolamo, di Leone Magno e dei tre Cappadoci si trasse un'immagine assai più viva e quasi plástica della vita e delle opere dei primi vescovi, che non dai frammenti degli scritti e delle omelie dei Padri, che si leggevano nei breviari. Qui si vedevano i vescovi quali predicatori sul púlpito, quali direttori spirituali e consiglieri, nei loro sinodi».

¹⁰ SOT, 1981.

¹¹ VAUCHEZ, 1988: 329.

séculos XIII e XV¹². No âmbito dos procedimentos processuais que tinham em vista a canonização de um bispo «exemplar», os aspectos mais valorizados eram, sobretudo, a sua ascendência nobre, a função enquanto chefes e defensores da sua Igreja, o seu zelo pastoral, a sua acção reformadora e as suas práticas ascéticas¹³. Contudo, como reconhece André Vauchez, o modelo de santidade episcopal conhecerá um período de crise em vários reinos cristãos, a partir do final do século XIII. Com efeito, ultrapassada a fase de reforma da Igreja, durante a qual ocorreram violentos confrontos entre os «exemplares» bispos e o poder laico — lembremos, a título exemplo, o caso de Thomas Beckett, arcebispo de Cantuária — e que havia potenciado àqueles uma oportuna ocasião para que aqueles se distinguissem e singularizassem, por meio do seu zelo pastoral — a verdade é que estes se tornaram, sobretudo, administradores de bens temporais e senhores que pretendiam exercer os seus direitos.

Em todo o caso, tal moldura não significa que todos os prelados desta época tenham pautado a sua acção exclusivamente de acordo com aqueles moldes... É bem sabido como a hagiografia medieval divulgou exemplos de bispos modelares: mas também é importante não perder de vista que os textos que se inscrevem neste veio literário eram compostos tendo em vista propósitos imediatos bem precisos, a saber, a glorificação da personagem em questão, a edificação espiritual e a promoção do seu culto — e, em muitos casos, servir de estímulo à beatificação ou canonização desses «cristãos excepcionais»¹⁴, que condicionavam, muito compreensivelmente, a sua produção e recepção. A título de exemplo, lembremos a *Vita Geraldi*, escrita pelo francês Bernard, arcediogo de Braga, entre 1112 e 1128¹⁵, que constrói, em moldes exaltadores e panegíricos, um retrato deste prelado como um «perfeito pastor de almas»:

Assim como o lavrador, forcejando por tornar frutíferos lugares desertos, arranca primeiro o que não dá fruto; a seguir, cultiva a terra; depois, semeia, e, finalmente, colhe o fruto: do mesmo modo o Beato Geraldo, solícito de outro tanto fazer, não deixou de extirpar, com sua censura, os crimes dos homens; cultivou, com carinho, o seu coração mercê do arado do correctivo; semeou, judiciosamente, entre o povo, palavras de pregação, — para poder, ao rebanho a si confiado, oferecê-lo a Deus tal um fruto. Solícito, também enquanto à disciplina da Igreja, ensinou a primor aos clérigos, que aí encontrou, a disciplina eeclesiástica, enriqueceu-os de bens, e cumulou-os de outros, que julgou dignos e idóneos, e, assim, estabeleceu na sua Igreja um belo e óptimo convento¹⁶;

¹² VAUCHEZ, 1988: 336.

¹³ VAUCHEZ, 1988: 337-352.

¹⁴ AIGRAIN, 2000; BROWN, 1984; GRÉGOIRE, 1996; GAJANO, 1999; MENDES, 2017.

¹⁵ MATTOSO, 1996: 84-85.

¹⁶ D. BERNARDO, 1959: 9-10.

O Beato Geraldo, reformada a Igreja de Braga na antiga dignidade, visitava, de tempos a tempos, a província Bracarense; exortava os Bispos à Santidade; informava, com carinho, os Capítulos dos Monges na santa disciplina monástica; instruía, com cuidado, presbíteros colados a paróquiass, na doutrina canónica; incitava acuradamente os senhores das terras a conservarem a paz e a praticarem a justiça: não deixava de derramar sobre o povo palavras de pregação. Por outro lado, no seu arcebispado, com frequência celebrava sínodos; a vícios do povo a si confiado, a ofensas de clérigos, suplicando preces de humildade e arguindo com o zelo da disciplina, virilmente os cortava cerces. Amava os humildes [...]; frequentemente dava conforto a pobres, não só com refeições senão que com roupas [...]. Com efeito, a consagrações de Igrejas, a ordenações de clérigos, a confirmações de povoações, continuamente assistia; procurava, sem dúvida, cumprir o officio de bom pastor¹⁷.

Em todo o caso, como uma ampla bibliografia já realçou, a espiral de decadência que se vinha fazendo sentir no seio da Igreja, acentuada durante a Idade Média, originada pela acumulação de benefícios, a ausência de bispos e presbíteros nas suas dioceses e paróquias, as quais, não raras vezes, ficavam ao cuidado de curas sem qualquer preparação, a incipiente formação doutrinal e moral dos clérigos, os casos de simonia, entre outros aspectos, amplificou uma moldura configurada pela emissão de várias críticas — tecidas, sobretudo, por humanistas, como Erasmo¹⁸, e pelos reformados — e pela emergência de algumas iniciativas de reforma interna da Igreja¹⁹, cujas raízes se ancoravam, pelo menos, desde o V Concílio de Latrão (1512-1517), ainda que seja importante não perder de vista o contributo da *Devotio Moderna*. No caso português, o provimento de altas dignidades eclesiásticas, nas primeiras décadas do século XVI, só se tornará compreensível, se equacionado no contexto das relações da Coroa com a Igreja, configuradas como uma teia de afirmação de poderes e de distinção clientelar. Com efeito, como realçou José Pedro Paiva, D. Manuel I havia gizado uma estratégia

¹⁷ D. BERNARDO, 1959: 13.

¹⁸ «A vida dos soberanos vem sendo zelosamente imitada pelos sumos pontífices, pelos cardeais e pelos bispos há já bastante tempo, e quase a superam. Mas se algum reflectisse, veria que a sua veste de linho, branca como a neve, é o símbolo de uma vida imaculada; que a sua mitra bicórnea, de pontas unidas por um mesmo nó, significa um conhecimento igual e aprofundado do Antigo e do Novo Testamento; que as luvas que lhes cobrem as mãos indicam que deve estar isento de todo o contágio dos assuntos mundanos para administrar os sacramentos; que o báculo simboliza o cuidado vigilante do seu rebanho; que a cruz peitoral significa a vitória sobre todas as paixões humanas. Se reflectisse sobre estas e outras coisas, não viveria uma vida cheia de tristeza e de angústia? Hoje, pelo contrário, estes pastores não fazem mais do que apascentarem-se a si próprios. Deixam o cuidado das ovelhas ao próprio Cristo ou aos chamados frades ou aos seus vigários. Não se recordam que o nome "bispo" que levam significa trabalho, vigilância, solicitude. Agem apenas como bispos quando se trata de recolher dinheiro, então *a sua vigilância não é descuidada*» (ERASMO DE ROTERDÃO, 2012: 123); «Todavia estou na dúvida se eles deram ou se seguiram o exemplo de certos bispos da Alemanha que, abandonando levianamente o culto, as bênçãos e outras cerimónias semelhantes, comportam-se exactamente como sátiras até ao ponto de considerarem indigno e pouco decoroso de um bispo entregar a sua valente alma a Deus em outro sítio que não num campo de batalha» (ERASMO DE ROTERDÃO, 2012: 127).

¹⁹ FERNANDES, 2000: 15-38; CARVALHO, 2016.

que visava «colocar nas mitras, preferencialmente nos arcebispados, membros da família real», na medida em que estas dignidades se configuravam, sobretudo, como meios de afirmação do poder régio e não como instrumentos que tinham como propósito assegurar a dimensão pastoral e a cura de almas. Mas havia também casos de bispos que nunca tinham residido nem, pelo menos, visitado a diocese, como o mostram os exemplos de D. Diogo Pinheiro (1514-1526), primeiro bispo do Funchal, e do seu sucessor, D. Martinho de Portugal (1533-1547)²⁰. Por outro lado, lembremos também que, por exemplo, os bispos príncipes, pelo menos até ao encerramento do Concílio de Trento, em regra geral, não celebravam missas, nem ministravam sacramentos, assim como não faziam visitas (excluindo as da sé catedral), nem catequizavam, pessoalmente, os fiéis, na medida em que, como sublinhou José Pedro Paiva, tal não se «articulava de modo nenhum com o perfil episcopal comum» nesses tempos²¹. Em todo o caso, haverá que não perder de vista que nem todos os prelados se afastaram ou imiscuíram do desempenho das funções e obrigações episcopais, tendo mesmo alguns deles norteado a sua acção por iniciativas de reforma, antes do Concílio de Trento — lembremos, a título de exemplo, D. Martinho da Costa (arcebispo de Lisboa), o cardeal-infante D. Afonso (ainda em Évora e depois em Lisboa) ou D. Diogo de Sousa (bispo do Porto e arcebispo de Braga) — e alguns deles desenvolveram mesmo uma acção muito significativa no domínio do mecenatismo artístico, como D. Fernando de Meneses Coutinho e Vasconcelos, em Lamego e em Lisboa²².

Tal como sucedeu nos vários territórios da Europa católica, seria necessário aguardar o encerramento do Concílio de Trento, em 1563, para que se concretizasse uma profunda reforma da Igreja, não apenas na sua dimensão institucional e jurídica, como também pastoral e espiritual²³. Neste sentido, a partir da segunda metade do século XVI, na esteira da *Devotio Moderna*, que muito investiu na valorização da *imitatio Christi*²⁴, a hagiografia e a biografia devota sublinharão, sobretudo, o esforço de interiorização do rigor pastoral, não só na doutrina, como na actividade desenvolvida: assim, esta moldura conduzirá à difusão do modelo do «perfeito bispo»²⁵, escorado nos decretos conciliares tridentinos, que favoreceram a revalorização do espírito evangélico e do zelo pastoral, das suas virtudes heróicas — muito especialmente da caridade — e da divulgação e sustentação da sua *fama sanctitatis*.

²⁰ BUESCU, 2015: 143-152.

²¹ PAIVA, 2007: 127-174.

²² BUESCU, 2018: 583.

²³ JEDIN, 1972; PALOMO, 2006.

²⁴ A título de exemplo, veja-se a dedicatória, dirigida a D. Afonso de Castelo Branco, bispo de Coimbra e conde de Arganil da *Vida, y Corona de Christo Nuestro Salvador* (1610) do Padre João Rebelo (S.J.): «espero que [esta obra] seja muyto aceita, assi polla materia, que he o retrato, que V. S. tem diãte dos olhos, na vida de sua pessoa, & no governo de sua igreja».

²⁵ JEDIN & ALBERIGO, 1985; TELLECHEA IDÍGORAS, 1997: 207-223.

Com efeito, a dimensão do «bispo pastor» que virá a caracterizar a acção de muitos prelados configurar-se-á como um aspecto polarizador, valorizando uma actividade pastoral que abrange domínios tão vários e diversos, como a pregação, o cuidado com a difusão do catecismo, a legislação diocesana, a visita pastoral, a administração dos bens eclesiásticos, as práticas assistenciais, a vigilância moral do clero e dos fiéis, a formação do clero, o controlo de abusos, a ortodoxia da fé²⁶: a título de exemplo, lembremos como estas dimensões se encontram equacionadas, como se de um programa se tratasse, no frontispício da *Vida del Illustrissimo Señor D. Francisco de Reynosso Obispo de Cordoba* (Valladolid: Francisco Fernandez de Cordoba, 1617) de Fr. Gregorio de Alfaro.



Fig. 1. Frontispício de ALFARO, 1617
Exemplar digitalizado em Google Books

²⁶ PAIVA, 2006; PAIVA, 2011.

Muitos destes casos reais converter-se-ão mesmo em modelos exemplares divulgados pela hagiografia e pela biografia devota e propostos à imitação de outros prelados, a par de outros textos que investem na difusão dos paradigmas do «bispo doutor», que encontra, por sua vez, eco nas várias «Vidas» de Santo Agostinho que vão sendo publicadas ao longo dos séculos XVII e XVIII²⁷, até ao «bispo missionário e evangelizador», declinado na *Vida del Ilustrissimo, y Reverendissimo Señor D. Toribio Affonso Mogrevejo Arcebispo dela Ciudad delos Reyes Lima* (Madrid, 1654), escrita por António de Leão Pinello e o *Epitome dela vida, y muerte de D. Fernando Arias Ugarte, electo Obispo de Panamá*, da autoria de Diogo de Leão Pinello, e incluído na *Vida del Ilustrissimo Doctor D. Fernando Arias Ugarte, Auditor General, que fue dela guerra de Aragon, Oydor delas Chancillarias de Panamá, Plata, Lima: Corregidor do Potosi, Governador de Guancavelia, Visitador del Tribunal dela Santa Cruzada, electo Obispo de Panamá, Obispo de Quito, Arçobispo dela Plata, Arcebispo que murió dela insigne Metropoli delos Reys* (Lima: por Pedro de Cabrera, 1633), de Diogo Lopes de Lisboa Leão, configurando uma moldura que se poderá considerar amplificada com a edição de colectâneas de pendor hagiográfico, de que são exemplo o *Catalogo e historia dos bispos do Porto* (Porto: por João Rodrigues, 1623), a *Historia ecclesiastica dos arcebispos de Braga. Parte primeira* (Braga: por Manoel Cardoso, 1634) e *Parte segunda* (Braga: por Manoel Cardoso, 1635) e a *Historia ecclesiastica da Igreja de Lisboa. Vida e acçoens de seus prelados, e varões eminentes em santidade, que nella florescerão. Parte I* (Lisboa: por Manoel da Sylva, 1642) de D. Rodrigo da Cunha.

Também no domínio da iconografia, a partir do século XVI, se fará notar a revalorização do tema do Bom Pastor, que, de acordo com Gaston Duchet-Suchaux e Michel Pastoureau, não tinha merecido atenção por parte da arte medieval: assim o testemunha a gravura feita em 1578 por Hendrik Goltzius, intitulada *Exemplar Virtutum*²⁸, onde se vê a imagem do Menino Jesus como Bom Pastor, ou o quadro *Le Bon Pasteur* (cerca de 1654), da autoria de Philippe de Champaigne, à guarda do Musée des Beaux-Arts de Tours²⁹. E até mesmo Luís XIV se fez retratar em trajas de Cristo Bom Pastor³⁰... De resto, foram também editadas obras que contribuíram, em larga medida, para a revalorização da imagem do Bom Pastor: disso são exemplo *El Buen Pastor. Espejo de curas y sacerdotes. Escrito con las plumas de los 4 Euangelistas* (Tortosa: en la Imprenta de Francisco Martorell, 1641) de Cristóbal Lozano, dedicado a D. Mendo de Benavides, bispo de Cartagena, ou *Idea de el Buen*

²⁷ ANJOS, 1612; MELO, 1648: Parte I; MELO, 1649: Parte II; TOLENTINO, 1729; GLÓRIA, 1744. Cf. também DOMINGUES *et al.*, 2000.

²⁸ DEKONINCK, 2005: 196.

²⁹ Veja-se também OSSWALD, 1996.

³⁰ BURKE, 1995: 41.

Pastor copiada de los SS. Doctores representada en Emblemas Sacros con avisos espirituales, morales, politicos y economicos para el gobierno de un Principe Ecclesiastico (León: a costa de Anisson y Posuel 1682) de Francisco Nuñez de Cepeda (S.J.).

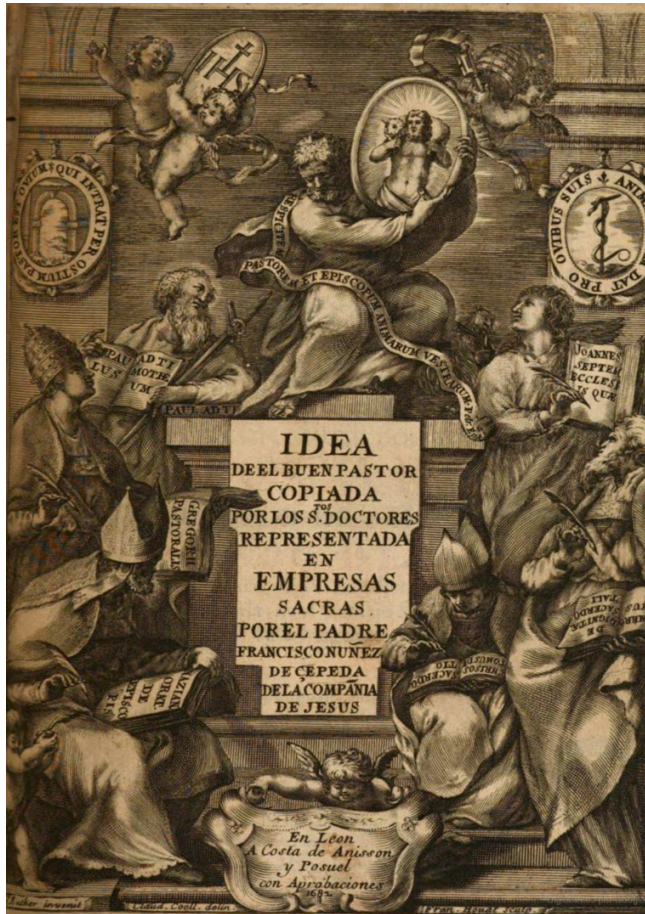


Fig. 2. Frontispício de NUÑEZ DE CEPEDA, 1682
Exemplar digitalizado em Google Books



Fig. 3. Hendrik Goltzius, *Exemplar Virtutum*

Disponível em <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/371414>>

Neste contexto tão propício à difusão do modelo do «perfeito bispo», em sintonia com as novas exigências pastorais e religiosas da época, não deixa de ser muito significativo encontrarmos a aplicação deste paradigma à escrita de «Vidas» de prelados que viveram e desenvolveram a sua acção antes da promulgação dos decretos tridentinos: é o caso do *Sumario de la vida del primer arzobispo de Granada don fray Hernando de Talavera* (Évora: por André de Burgos, 1557) e do *Epítome da vida apostólica e milagres de S. Tomás de Vila Nova, com um epítome dos religiosos que nas províncias de Portugal e Castela tiveram nome* (Lisboa: por Pedro Craesbeck, 1629), traduzido por Fr. Duarte Pacheco (O.E.S.A). De facto, nas suas «Vidas», D. Hernando de Talavera (†1507) e São Tomás de Villanova (†1555) são apresentados como dois prelados exemplares, na medida em unem as suas preocupações

pastorais e reformadoras, sobretudo pelo que diz respeito à formação do clero, à correção de vícios e abusos não só por parte de eclesiásticos, como também dos fiéis, ao seu programa pessoal de ascese e devoção, solidificado pela prática das virtudes teologais e cardeais. Por sua vez, a *Vita Gondisalvi Pinarii Episcopi Visensis*, escrita por Diogo Mendes de Vasconcelos, sobrinho do biografado, e editada, pela primeira vez, em 1591 (Eborae: apud Martinum Burgensem)³¹, dedicada ao cardeal Alberto, arquiduque de Áustria, apresenta também uma imagem de D. Gonçalo Pinheiro enquanto um «bispo-modelo» na linha das directrizes tridentinas. Deste modo, o biógrafo, para além de exaltar a vasta lição que o bispo de Viseu tinha da Astronomia, da Geometria e das línguas grega e hebraica, sublinha o seu zelo pastoral e a sua acção reformadora, nomeadamente a elaboração das novas *Constituições do bispado de Viseu* (Coimbra: por João Álvares, 1556), que foram impressas por sua ordem, a restauração do convento de São Francisco de Orgens e a transformação do paço de Fontelo em um hospital.

Também Jorge Cardoso, no seu *Agiologio Lusitano*, & revisita o exemplo de S. Frutuoso, arcebispo de Braga, que

*tanto que se vio deposse, entêdeo logo no modo, & reforma de suas ouelhas, que obrou suauissimamente, mais cõ exemplares acções, que com nouas leis, não mudando de traje, ou teor de vida, que vsaua em monge, obseruando cõ rara perfeição a sancta regra, viuendo com tanta parcimonia, & penitencia que cada hora se lhe exergauão mais atenuadas as corporaes forças, causando notauel compaxão em todos, não largando nunca o cilicio, seruindolhe de regalada cama hũ feixe de vides, visitando a pè (sem fausto de criados) sua estendida diocesi, remediando abusos introduzidos co tempo, castigando culpados com angelica brandura, dependendo largas esmolas com suas mãos, procurando finalmente fossem seruidos os templos sagrados co a limpeza, & magestade possiuel. Pelo que vendo os subditos a suauidade de seu gouerno, germanado de obras conformes a seu nome, procurauão a todo proposito imitallo*³².

O modelo do «perfeito prelado» em sintonia com o espírito tridentino encontra uma «eficaz» aplicação na escrita da *Relação summaria da vida do ilustríssimo e reverendíssimo senhor D. Teotónio de Bragança, arcebispo de Évora* (Évora: por Francisco Simões, 1614), pelo P.e Nicolau Agostinho. o modelo do «perfeito bispo», na linha das directrizes tridentinas, que veio favorecer a revalorização do espírito evangélico e do zelo pastoral, assumindo como referência os decretos conciliares tridentinos,

³¹ Reeditada em Romae: apud Bernardum Bassam, 1597 e Francof.: apud Claudium Marnium, 1608.

³² CARDOSO, 1657: 594.

embora, na prática, certos aspectos que equacionavam esta problemática, como, por exemplo, os provimentos dos prelados, vinham continuando a ser pautados por moldes anteriores, refletindo, deste modo, a confluência de poderes e influências diversos, como contraponto às críticas de que a Igreja vinha sendo alvo e a que várias reformas, anteriores à ruptura despoletada por Lutero, tentaram dar resposta³³.

Desde logo, no «Prologo ao lector», o autor sublinha e insiste no carácter exemplar da figura de D. Teotónio de Bragança e, sobretudo, a dimensão edificante que esta comporta para todos os cristãos:

Moueome, & quasi obrigou a charidade, & zello de aproveitar a muitos com seu exemplo, alem de ser a isso stimulado per pessoas pias, & desejosas de não ficar sepultada, & esquecida a vida de hum Prelado tão Real no sangue, & tão honesto na pessoa, tão modesto na vida, tão solícito no governo de sua casa, tão cuidadoso no de sua igreja, tão esmoler aos pobres, tão hospedador de Estrangeiros, tão affauel, & humilde a virtuosos, tão magnanimo nas obras, tão inteiro na justiça, tão constante na jurisdição da igeaja, tão zeloso da Fee: quem em fim por sua conservação aventurou, & deu sua propria vida. Moueome (como digo) para que ella seja luz a Prelados da igreja, doctrina a Pays de famílias, & exemplo aos demais todos³⁴.

Depois de traçar a genealogia de D. Teotónio, realçando a sua ascendência nobre, Nicolau Agostinho relata-nos a concretização da vida religiosa do biografado. Deste modo, o autor conta-nos que D. Teotónio ingressou na Companhia de Jesus, onde «esteue alguns annos, dando tantas mostras de humildade, & obediencia, mortificando-se tanto, que espantaua a todos»³⁵, tendo, posteriormente, estudado Artes e Teologia. É, aliás, muito curioso notar que, a partir do momento em que relata a ordenação de D. Teotónio como sacerdote, o biógrafo se esforce por focalizar e valorizar a ortodoxia do modelo religioso e pastoral espelhado por aquele prelado, inteiramente adequado aos cânones tridentinos:

Ordenouse Sacerdote, permanecendo neste estado, com muyto exemplo de castidade, & pureza della, & com menos renda do que a sua pessoa conuinha. Porque não tinha mais, que o Thezourado da igreja Collegiada da Villa de Bracellos, que rendia quatro centos Cruzados, & mil, & duzentos mais, que tinha de pensão

³³ CARVALHO, 2016.

³⁴ AGOSTINHO, 1614: «Prologo ao lector». Pero Novais, censor do Conselho Geral da Inquisição, insiste também na sua «Licença», datada de 15 de Abril de 1614, no facto de ser esta «Vida» «plana, pia, exemplar a Prelados, & vtil pera se stampar».

³⁵ AGOSTINHO, 1614: 11r.

*em Castella, donde lhos auia dado el Rey Phelippe segundo, seu segundo primo, & hũa igreja nas Serras de Tralos montes, da apresentação do Duque seu Irmão: a qual seruiu alguns annos, como proprio Cura, administrando os Sacramentos per si a seus fregueses, dando-lhe muita doctrina, & exemplo de grande Christandade, & viuendo naquela igreja em casas quasi palhiças, por não auer outras naquelas terras, como bom Pastor entresuas ouelhas*³⁶.

Em 1578, D. Teotónio ocupará a sé episcopal de Évora, que estava vacante após a saída do cardeal D. Henrique, que havia sido obrigado a assumir as rédeas do governo do reino, na sequência do desaparecimento de D. Sebastião na batalha de Alcácer-Quibir. A partir daqui, a estrutura da obra obedecerá a um esquema que privilegiará a acção e as virtudes heróicas de D. Teotónio de Bragança, pretendendo, claramente, exaltar a figura do arcebispo exemplar, na linha das propostas tridentinas³⁷, e onde, muito curiosamente, estão ausentes quaisquer referências a milagres ou prodígios obrados por intercessão deste prelado.

Deste modo, o biógrafo narra a «ordem que o arcebispo deu a sua casa», realçando que para

*em tudo dar bom exemplo na eleição de seus criados, não aceitou algum por respeito humano, senão por informações de suas virtudes, calidades, & partes, & que não tivessem raça de Mouros, Christãos novos, ou Mulatos & se depois de aceitados, achaua o contrario em algum, logo o despedia: de modo, que não ficasse afrontado, antes satisfeito de seu serviço: pello que teue sempre nelle pessoas de bom exemplo. E para se mostrar em tudo mais Bispo Regular, que Secular, ordenou, que todos os Officiaes de sua casa fossem pessoas Ecclesiasticas, ou de habito Ecclesiastico: de modo que ate os Pagões, & Moços da Capella andauão de comprado, & honestos, & estudauão todos na Vniuersidade, por não estarem ociosos, & se algum não estudaua, ocupauao de modo em casa, que não auia nella hora de tempo ociosa, nem mal gastada*³⁸.

Conta-nos também Nicolau Agostinho que o arcebispo de Évora era

tão solícito de seus criados serem virtuosos, que mais entendia no bem, & saluação de suas almas, que no necessário do corpo, & temporal, de que tambem tinha cuidado lhe não faltasse nada. E se algum adoecia, o fazia curar com muito cuidado, mimo, & regalo, para o que tinha especial charidade, encomendandoo muito ao

³⁶ AGOSTINHO, 1614: 11r.-11v.

³⁷ ROLO, 1965: 341-357.

³⁸ AGOSTINHO, 1614: 14r.

infirmo, que para isso tinha ordenado. Mandava todos os dias à noite rezar as Ladainhas no seu Oratorio, a que os criados auião de estar todos presentes, & no cabo dellas lhes mandava ensinar a doutrina Christãa, para que não ouuesse criado, nem escrauo, que a não soubesse [...]. Cada anno visitava sua casa secretamente, em forma de Visitação, para saber as faltas de seus criados, & de como viuião, & assi os teue sempre tão honestos, castos, & de taes costumes, que nunca derão escandalo algum, assi na cidade de Euora donde viuião, como em qualquer outra parte, que estivessem debaixo de sua obediencia, & seruiço³⁹.

Com efeito, foram tão notáveis a modéstia e a humildade deste prelado

que em todas as partes era louuado seu exemplo. E assi aconteceu, que mostrando-se a sua Sanctidade o Papa Clemente octauo, em Roma, hũa peça de Mescla de còr alegre, & apraziuel para vestir de campo, gabandoa, dixe: não estivera aqui mal hum vestido ao Papa, mas que dixerá sabendoo Dom Theotónio Arcebispo de Euora⁴⁰.

Conta-nos também o biógrafo que «nos casos aduersos se mostrou sempre tão humilde, sofredor, & constante, que nunca fez caso, nem se queixou de algũas descortesias, que lhe forão feitas por pessoas insolentes, & mal criadas, assi na cidade de Euora, como fora della, & inda algũas em materia de seu officio: das quaes podendo tomar satisfação, ou queixarse a sua Magestade: nunca o fez, nem mãdou fazerm nem consentio se fizesse: antes com todos se reconciliaua, dissimulando toda afronta: sendo sempre o primeiro na reconciliação: como quem tinha por obrigação de seu officio dar exemplo de bom Pastor»⁴¹.

No «ornato de sua See» e no «governo de seu Arcebispado» foi D. Teotónio, de acordo com as palavras do seu biógrafo, «muito solícito, & zellador»⁴²: neste sentido,

a See, a quem amou como Esposa sua, desejou sempre ver bem ornada, & melhor seruida de seus ministros. E para estes desejos terem o efeito que desejava, ordenou hum Concilio Diocæsano: no qual reformou, & de nouo ordenou, como delle se ve, muitas cousas, todas para bom governo Spiritual, & Temporal de sua igreja, entre as quaes mandou com graues penas, & censuras, que nenhum Sacerdote acompanhasse ainda à igreja molher algũa por nobre, ou illustre, que fosse. [...] Na Capella do Sanctissimo Sacramento de sua See, se costumauão assentar muitas pessoas em Cadeiras, & sem ellas, & molheres algũas em Alcatifas, o que era desacato do tal

³⁹ AGOSTINHO, 1614: 14v.-15r.

⁴⁰ AGOSTINHO, 1614: 17r.

⁴¹ AGOSTINHO, 1614: 54v-55r.

⁴² AGOSTINHO, 1614: 17r.

lugar pello Senhor, que nelle assiste, não podendo elle sofrer esta irreuerencia, mandou com pena de excomunhão, & dinheiro, que nenhũa pessoa de qualquer estado, que fosse se assentasse na dita Capella, nem ainda confessor para confessar, tirando o Padre Cura. [...] Entre muitas peças de Prata, que mandou fazer, he hũa Alampada de inuenção noua, tão grande, que de alto tem mais de dez palmos, & de roda sete, & meyo, ate oito: a qual de Prata, & feitio custou mais de seis mil Cruzados: & assi parece sera das mayores, & mais lustrosa, que auerà na Europa. Fez mais duas Tocheiras tão grandes, que de Prata, & feitio passa cada hũa de trezentos mil reis. Deu mais hũa imagem de Sam Sebastião de Prata, que tem dous palmos, & meyo de comprido, encostado a hũa Palmeira tambem de Prata. [...] Mas sobre tudo: ornou esta igreja Spiritual, & Temporalmente com a insigne Reliquia de Sam Mancio, primeiro Prelado della: que no anno de mil, & quinhentos, & nouenta, & dous, trouxe em pessoa de Castella, auendo muyto tempo que andaua em requerimentos para à auer, como ouue com ò faour del Rey Dom Phelippe segundo de Hespanha⁴³.

Zeloso do governo e da reforma do seu arcebispado, «de modo, que Deos fosse seruido, & os súbditos consolados, & viuessem como Catholicos Christãos, & que não ouesse nellas pecados públicos, ou escandalosos: nem ainda secretos»⁴⁴, D. Teotónio

se desuelaua escrevendo muitas cartas Pastoraes aos Priores, Rectores, Vigairos, & Curas de suas igrejas, auisandoos de como se auião de auer com seus Freguezes, pedindo-lhes juntamente relação do que se passaua entre eles. E para effeito deste bom governo, desejou ter sempre bons Letrados em sua Relação, & alem dos que achou nella, quando veyo ao Arcebispado: de que se seruiu, mandou por vezes à Vniuersidade de Coimbra buscar Letrados dos mais doctos, & melhores partes, assi em sangue, como virtude⁴⁵.

Na linha das directrizes tridentinas, como acentuou José Pedro Paiva⁴⁶, a visita pastoral foi também um dos instrumentos utilizados por D. Teotónio de Bragança não apenas para controlar administrativa e jurisdicionalmente o território do seu arcebispado, mas para manter uma vigilância sobre o comportamento do clero e das populações, inscrita no processo da ofensiva tridentina⁴⁷. Neste sentido, este prelado

⁴³ AGOSTINHO, 1614: 17r.-21r.

⁴⁴ AGOSTINHO, 1614: 22v.

⁴⁵ AGOSTINHO, 1614: 22v.-23r. Cf. PALOMO, 1995: 587-624.

⁴⁶ PAIVA, 2011.

⁴⁷ Sobre a importância da visita pastoral nesta época, veja-se: TURCHINI, 1996: 335-382; NUBOLA, 1996: 383-413; PAIVA, 2002: 159-175.

visitou, e chrismou pessoalmente todo seu Arcebispado, & a mayor parte delle por vezes, tirando o campo de Ourique [...]. A elle foy no fim do anno de mil, & quinhentos, & oytenta, & tres, & andou parte do anno de oytenta, & quatro: onde gastou perto de cinco meses. Visitou, & Chrismou todo esse campo: posto que terra áspera, & a mais remota de todo o Arcebispado. [...] E assi chegou nesta jornada a visitar Freguezias postas em lugares tão ásperos, que não tinham Visitadores alguns chegado a ellas: o que sabendo elle em pessoa as Visitou, & Chrismou, ainda que com trabalho seu, & dos que o acompanhauão, os Freguezes das quaes se espantauão de tanto amor, & charidade de Prelado, & lhe beijauão a mão por tanta hõra, & merce. E assi não faltaua homem, nem molher, nem moço de idade, que não se achasse presente nas igrejas ao ver, & receber sua bênção. [...] Nenhũa igreja, ou Mosteiro, ou Hermida de todo o Arcebispado ficou onde não dicesse Missa em cada hũa⁴⁸.

Nicolau Agostinho conta-nos também que D. Teotónio

em dar ordens, e ordenar Clerigos em seu Arcebispado, foy muyto advertido, & acautellado, porque nunca ordenou pessoa, que não fosse sufficiente, & approuada pelos examinadores Synodaes, & de cuja vida, & costumes tiuesse muyto particular informação. E tinha muito cuidado em não ordenar quem não fosse de todo limpo da nação de Christãos nouos, ou Mouriscos: no que sempre teue muito cuidado de inquirir⁴⁹.

Mas a actividade reformadora e pastoral de D. Teotónio não se ficou por aqui. Com efeito, como nos relata o seu biógrafo, o arcebispo eborense reformou mosteiros de religiosas de sua obediência, a saber, o mosteiro de Santa Mónica de Évora, da Ordem de Santo Agostinho, o mosteiro de Nossa Senhora do Castelo da vila de Moura, da Ordem de São Domingos e o mosteiro de Jesus de Viana do Alentejo, da Ordem de São Jerónimo⁵⁰, instituiu os mosteiros do Salvador de Évora e de Nossa Senhora da Graça do Torrão⁵¹, terminou a construção do mosteiro de Santo António, da província da Piedade, «extra muros desta cidade de Euora, que o Cardeal el Rey Dom Henrique, sendo Prelado tinha começado»⁵², «mercou os aposentos junto de nossa Senhora dos Remedios, que auia sido Hospital dos enfermos de males

⁴⁸ AGOSTINHO, 1614: 25v.-26v.

⁴⁹ AGOSTINHO, 1614: 27v.-28r. Conta-nos também o biógrafo que «as igrejas, & Benefícios Curados, & que tinham obrigação de almas, não deu algũas, senão per concurso, & exame Synodal, guardando inteiramente o que o Concilio Tridentino nella dispoem [...]» (AGOSTINHO, 1614: 30r.).

⁵⁰ AGOSTINHO, 1614: 37r.-41r.

⁵¹ AGOSTINHO, 1614: 41v.-47r.

⁵² AGOSTINHO, 1614: 65r.

contagiosos, que deu aos Padres Carmelitas descalços»⁵³, «ordenou, criou, & fez nouamente o Hospital, & Hospedaria dos pobres da invocação da Piedade, & instituyó a irmandade delle»⁵⁴, para além do hospital que tinha em sua casa⁵⁵, fundou uma casa de recolhimento para donzelas orfãs⁵⁶ e «conforme ao Concilio, o Seminario de Sam Mancio, onde se crião Collegiaes para Clerigos, para sustentação do qual fez contribuir todos os Beneficiados do Arcebispado contribuindo cada hum conforme a suas rendas, à dous por cento»⁵⁷ e trouxe a Ordem da Cartuxa para o reino português⁵⁸.

É claro que em um texto como esta «Vida», de recorte claramente hagiográfico, o biógrafo não poderia deixar de exaltar as heróicas virtudes deste ilustre prelado, nomeadamente a sua caridade⁵⁹ e a sua humildade⁶⁰, contribuindo, assim, para completar a construção da sua imagem exemplar.

Neste enquadramento, não será despidiendo evocar também o paradigmático exemplo de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires.

O prestígio e a importância da figura de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires justificam, por si só, a escrita de várias «Vidas»⁶¹ de tónica hagiográfica, que, naturalmente,

⁵³ AGOSTINHO, 1614: 65r.

⁵⁴ AGOSTINHO, 1614: 65v.

⁵⁵ Conta-nos o biógrafo que «cada Anno duas vezes mandaua curar os enfermos de boubas, para o que tinha casa particular com pessoa que os curaua, gastando com elles todo o necessario de seus alimentos, Medico, Sirurgião, Barbeiro, & Botica» (cf. AGOSTINHO, 1614: 66v.).

⁵⁶ AGOSTINHO, 1614: 67r. Cf. também ABREU, 2004: 155-165.

⁵⁷ AGOSTINHO, 1614: 67r.-67v.

⁵⁸ AGOSTINHO, 1614: 68r. Este autor recorda também que, em 1598, D. Teotónio de Bragança deslocou-se a Valladolid, para, junto de Filipe III, rogar que não fosse concedido um perdão geral aos judeus (AGOSTINHO, 1614: 72v.-76r.).

⁵⁹ Segundo o seu biógrafo, «entre as grandes virtudes, que neste Principe mais resplandecerão, herdada tambem de seus Pays, & Auós, foy a da charidade. Porque parece, quanto ajuntaua, & desejava ter, tudo era para gastar em obras peias, imitando nisto aos Prelados da Primitiua igreja» (AGOSTINHO, 1614: 47v.); na cidade de Évora, durante o seu arcebispado, «continuou sempre em dar esmolos: as quais fazia publicas, & secretas & algũas dellas muito grandes: A Mosteiros de Religiosos, & Religiosas as fazia todas as vezes que lhas pedião muito liberalmente» (AGOSTINHO, 1614: 51r.) e «trazia sempre consigo hũa Bolsa com vinténs, de que daua esmolla aos pobres andantes, & sò este dinheiro via de suas rendas, por que o demais nenhum tomoua na mão, nem tomou, nem entezourou» (AGOSTINHO, 1614: 54r.); além disto, «era muito de ver os mininos da cidade, que erão muitos, juntos à sua porta, cada hum com sua tigela, esperando sua ração de Fauas & fatia de Pão, que alli se lhe daua, com que comião, & passavam contentes» (AGOSTINHO, 1614: 53v.).

⁶⁰ Conta-nos o biógrafo que D. Teotónio de Bragança, «ordinariamente, estando em Valuerde, ou em Sancto Antonio, Mosteiros dos descalços da Prouincia da Piedade, junto desta cidade [de Évora], comia com elles no Refeitório a seu modo, sem toalhas, & com elles juntamente hia dar graças à igreja. Na cozinha, lauaua com elles muitas vezes a louça, & algũas vezes os pees a elles» (AGOSTINHO, 1614: 57r.) e que «ajudaua a cozer os habitos de burel aos mesmos Padres, & em todas as cousas de humildade se exercitaua com elles, & em todo o acto della em que podia mostrar esta virtude, se prezaua de amostar: como foi tambem no tempo da Peste ajudar em sua casa a cozer as Mantas, & Enxergões, & fazer fios para os doentes da casa da saude» (AGOSTINHO, 1614: 57v.).

⁶¹ SOUSA, Fr. Luís de (O.P.) (1619) — *Vida de D. Fr. Bartholameo dos Martyres da Ordem dos Pregadores*. Viana do Castelo: por Nicolau Carvalho. Traduzida para italiano (Roma, 1717-28) e latim (Roma, 1734-35); SOUSA, Fr. Luís de (O.P.) (1640) — *Vida de D. Fr. Bartolomé de los Mártires*. Madrid: Imprenta Real; SOUSA, Fr. Luís de (O.P.) (1663) — *La vie de D. Barthélemy des Martyrs*. Paris: chez Pierre Petit; SOUSA, Fr. Luís de (O.P.) (1664) — *La vie de D. Barthélemy des Martyrs*. Paris: chez Pierre Petit; SOUSA, Fr. Luís de (O.P.) (1678) — *La vie de D. Barthélemy des Martyrs*. Paris: [s.n.]; SOUSA, Fr. Luís de (O.P.) (1679) — *La vie de D. Barthélemy des Martyrs*. Paris: [s.n.]; SOUSA,

não poderão ser dissociadas do peso que o registo escrito vai alcançando na moldura da fixação e da conservação da memória e, neste caso concreto, da difusão do modelo do «perfeito bispo», escorado nos decretos conciliares tridentinos, que favoreceram a revalorização do espírito evangélico e do zelo pastoral, e da divulgação e sustentação da sua *fama sanctitatis*. De entre este filão de cariz hagiografizante, a «Vida» mais extensa e detalhada é a da autoria do também dominicano Fr. Luís de Sousa, que recupera, como intertexto, a «Vida» escrita por Fr. Luís de Granada, e que, nos seus contornos, não se afasta dos objectivos imediatos do género hagiográfico: a glorificação da personagem em questão, *ad maiorem gloriam Dei*, a edificação espiritual e a promoção do seu culto. A «Vida» escrita por Fr. Luís de Sousa recupera vários *topoi*, há muito institucionalizados pelo género hagiográfico⁶² — os pais abastados e «virtuosos»⁶³, a marca de nascença na mão direita⁶⁴, a profecia do «pobre mendicante» que passou pela casa dos pais, a pedir esmola⁶⁵ — que evidencia um paralelismo com o episódio da Apresentação de Cristo no Templo, oito dias após o seu nascimento, narrado no Evangelho de Lucas (2: 22-40), no qual o justo e piedoso ancião Simeão profetiza que aquele menino seria o Salvador da Humanidade, mas seria também motivo de divisão e de contradição (2: 34-35) —, o seu gosto em visitar igrejas «e nela[s] a sua vida era andar de altar em altar, parando com atenção em cada imagem e reverenciando todas»⁶⁶, a prática da virtude da caridade, que o convertem em um *puer senex*⁶⁷ —, que constituem, de resto, sinais que apontam para a excepcionalidade de Bartolomeu e para uma predestinação divina para a «santidade», para, nos capítulos seguintes, construir uma imagem de um religioso dominicano que, pese embora o facto de ter exercido importantes funções e cargos eclesiásticos — lembremos que

Fr. Luís de (O.P.) (1984) — *A Vida de D. Frei Bertolomeu dos Mártires*. Introdução de Aníbal Pinto de Castro, fixação do texto de Gladstone Chaves de Melo e Aníbal Pinto de Castro. Lisboa: IN-CM/Movimento Bartolomeano; GRANADA, Fr. Luís de (O.P.) (1679) — *La vie de dom Barthélémy des Martyrs, religieux de l'ordre de S. Dominique, archevêque de Braga en Portugal. Tirée de son histoire écrite en espagnol et portugais par cinq auteurs*. Paris: Lambert Roulland; GRANADA, Fr. Luís de (O.P.) (1906) — *Vida del V. D. Fr. Bartolomé de los Mártires*. In *Obras de Fr. Luis de Granada de la Orden de Santo Domingo*. Ed. crítica y completa de Fr. Justo Cuervo (O.P.). Madrid: Imprenta de la Viuda e hija de Gómez Fuentenebro, tomo XIV, p. 323-366; VITÓRIO, Francisco Álvares (1748) — *Vida e acções memoraveis do veneravel D. Fr. Bartholomeu dos Martyres... dividido em duas Partes, e extrahido dos excellentes escritos de Fr. Luiz de Granada, Fr. Luiz de Cacegas, Fr. Luiz de Sousa, e Luiz Munós. Primeira parte*. Lisboa: Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galram; VITÓRIO, Francisco Álvares (1749) — *Vida e acções memoraveis do veneravel D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. Segunda parte*. Lisboa: Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galram.

⁶² MACHADO, 1994: 671-684.

⁶³ SOUSA, 1984: 13.

⁶⁴ SOUSA, 1984: 13: «Naceu este minino com um notável sinal e bem illustre pronóstico do que havia de ser ele ao diante. Tinha na mão direita, sobre as costas dela, naturalmente impressa ùa cruz, florida de quatro flores de liz nos quatro remates, como feitas de pincel, e da mesma forma que são as que usam os comendadores de Avis e as que andam nas divisas da nossa Ordem. Representava a carne, naquele debuxo, um calo duro e relevado de cor branca, ou um debrum que fica em ferida mal curada, e não era maior que ùa polegada, mas tão perfeita e distinta e bem proporcionada que bem mostrava ser obra do Autor da natureza».

⁶⁵ SOUSA, 1984: 15.

⁶⁶ SOUSA, 1984: 15.

⁶⁷ Cf. CURTIUS, 1990: 98-101.

foi professor de Teologia, no mosteiro da Batalha, mestre de noviços, padre conciliar, arcebispo de Braga —, de se ter destacado enquanto «reformador» (de que são claro testemunho os seus esforços no sentido da aplicação dos decretos tridentinos na arquidiocese bracarense e da reorganização de instituições, como o colégio de São Paulo, em Braga), mantendo, como já realçou Aníbal Pinto de Castro⁶⁸, uma atitude de fidelidade à ortodoxia católica, tanto mais louvável em uma época difícil para uma Europa religiosamente fracturada⁶⁹ — e que, pesem embora alguns matizes, o distinguem de outro grande prelado coevo, D. Jerónimo Osório⁷⁰ — e de ter personificado o paradigma do «perfeito bispo», decide resignar⁷¹ e viver, até à sua morte, como um simples e humilde frade dominicano, no convento de Santa Cruz de Viana do Castelo, do qual, aliás, fora o fundador, concretizando o ideal de *contemptus mundi*⁷². Por outro lado, o retrato que nos traçam os biógrafos escora-se em um modelo de cariz penitencial, centrado na capacidade de sofrimento, no rigor da abstinência, disciplinas e mortificações, calibrada pela valorização dos detalhes extraordinários e quase «maravilhosos»⁷³, na quase obsessão pela oração mental e vocal, na pobreza e no exercício permanente da caridade — lembremos, a título de exemplo, que distribuía pelos pobres o preço das lampreias e o salário do «valente peão» que levá-las-ia à rainha D. Catarina⁷⁴ e que a sua despensa estava sempre aberta para os necessitados⁷⁵ —, que poderão ser compreendidos, como sublinhou José Adriano de Freitas Carvalho, em uma moldura que «muito poderá dever a S. Francisco»⁷⁶.

De resto, muito especialmente na «Vida» escrita por Fr. Luís de Granada, o epíteto «buen Pastor» é utilizado para caracterizar a acção do arcebispo de Braga, como o mostram os seguintes excertos:

Considerando pues nuestro buen Pastor, entendió que primero había de reformar su vida y su casa que las ajenas: por tanto determinó guardar lo que al principio había prometido, que era conservar en su persona y en su casa la templanza y la modestia que él había tenido en el monasterio: lo cual de tal manera cumplió, que antes excedió la obra á la promesa, que faltó. Porque su cama era como la que tenía en el monasterio, muy estrecha, con sus mantas de lana, y sin cortinas y sin otro algún aparato: ni en ella se vio nunca sábana, si no fuese por

⁶⁸ CASTRO, 1988: 145-168; CASTRO, 1994: 11-24.

⁶⁹ CARVALHO 1988: 3-37.

⁷⁰ CASTRO, 1994: 15. Perspectiva diferente em: MARTINS, 1991: 1-11.

⁷¹ ROLO, 1987: 161-189.

⁷² Para uma visão global da questão do *contemptus mundi*, veja-se DELUMEAU, 1983: 15-40.

⁷³ GRANADA, 1906a: 416.

⁷⁴ SOUSA, 1984: 71-72.

⁷⁵ GRANADA, 1906a: 419.

⁷⁶ CARVALHO, 1988: 34.

dolencia, tampoco camisa de lino, sino de lana: en toda su casa no había una sola antepuerta, ni un paño de armas, ni cosa semejante, sino tan desnuda como la celda de un pobre fraile. Pues la familia era también proporcionada con lo demás, que era lo que en ninguna manera se podía excusar, y ésta humildemente vestida, sin haber escudero en su casa, ni hombre de capa y espada, ni camarero que le vistiese ó desnudase, porque él solo se vestía y desnudaba, como lo usaba estando en su monasterio. La comida era una sola ración de vaca ó carnero, porque el pescado le defendían los médicos, por la mala disposición de una pierna. Al vino echaba tanta agua, siendo hombre de edad, que más parecía agua envinada que vino; y si por acaso le ponían algún manjar más exquisito en la mesa, en tocando en él lo mandaba dar á los pobres: y ofreciéndose huéspedes para comer con él, no quería extenderse á hacer larguezas demasiadas, sino que acordándose que aquélla era mesa de obispo⁷⁷;

Este divino calor procuraba nuestro buen Pastor conservar con la misa de cada día. Verdad es que de propósito dejaba un día de la semana de decir misa, para renovar con esto la memoria del temor y reverencia que á este divino Sacramento se debe⁷⁸;

Acaecióle, pues, saber él de un hombre noble, muy esforzado y temido de todos, que había muchos años que estaba apartado de su legítima mujer y envuelto con otras con quien los perladados pasados no se podían averiguar por el temor que del tenían. Mas contra un hombre tan poderoso prevaleció otro más poderoso, que era el espíritu de Dios. Porque después de habelle reprehendido y afeado con muy ásperas palabras el estado en que estaba, le dijo que no le había de absolver ni admitir en ninguna iglesia hasta que fuese á su casa y hiciese vida con su mujer. Y aunque él hizo fieros y braveó diciendo á otros que había de matar al Arzobispo, pero finalmente se apagó toda esta furia y vino rindiéndose á la iglesia y pidiendo perdón, y cohabitó con su mujer: y desta manera reconciliado con la Iglesia y con la compañera, de ahí á pocos días murió en paz. Otra vez andando visitando en la comarca de la villa de Chaves, supo que un Regidor había quebrado las puertas de la iglesia de la mesma villa y sacado un preso della. Acudió luego el buen Pastor, celoso de la honra de Dios y de la inmunidad de la Iglesia, y manda hacer una procesión, llevando las cruces cubiertas con un velo negro, cantando los clérigos el Salmo: Qtiare fremuerunt gentes, &=c. Y llegados á la iglesia con esta procesión, hizo un sermón á propósito de lo que el caso pedía, y luego mandó pronunciar la

⁷⁷ GRANADA, 1906a: 333. Sublinhado nosso.

⁷⁸ GRANADA, 1906a: 336. Sublinhado nosso.

sentencia de excomunión y apagar las candelas vueltas hacia abajo: con las cuales cosas quebrantó la dureza del Corregidor y vino á confesar su culpa y pedir perdón, el cual le fué concedido, mas con tal penitencia que estuviere el domingo á la puerta de la iglesia con aquella hacha en los hombros con que había quebrado las puertas de la iglesia, y que juntamente restituyese el preso, lo cual todo se cumplió enteramente. Hecho esto quedó muy en paz y amistad con el dicho Corregidor: porque nada desto hacía el siervo de Dios con ímpetu de ira, sino con celo de justicia: y como esto entendían los delincuentes, quedaban emendados y no enemistados⁷⁹;

desta manera, tan sin sangre y tan sin costa de dineros remedió gran número de personas. Y cuando el negocio destes casamientos se impedía ó se dificultaba por pobreza, él como buen pastor los ayudaba de su hacienda⁸⁰.

Como é sabido, D. Fr. Bartolomeu dos Mártires foi autor de um conjunto significativo de obras, que entroncam no filão da literatura religiosa e de espiritualidade, que, muito naturalmente, refletem a influência de fontes de natureza variada e diversa⁸¹. Como é sabido, seria necessário esperar até ao século XX para que o conjunto das obras completas de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires visse a luz do prelo, graças aos esforços do Movimento Bartolomeano. No século XVI, apenas foram editados o *Stimulus Pastorum* (1564)⁸², o *Cathecismo da doutrina Christã* (1564)⁸³ e o *Compendium Spiritualis Doctrinae ex varijs Sanctorum Patrum sententijs magna ex parte collectum* (1582)⁸⁴; todavia, pese embora esta contingência, as suas sucessivas

⁷⁹ GRANADA, 1906a: 346. Sublinhado nosso.

⁸⁰ GRANADA, 1906a: 348. Sublinhado nosso.

⁸¹ Veja-se *Frei Bartolomeu dos Mártires (1514-1590). Catálogo biblio-iconográfico*, 1991.

⁸² O *Stimulus Pastorum ex Sententijs Patrum concinatus, in quo agitur de Vita, & moribus Episcoporum, aliorumque Praelatorum* foi primeiramente impresso em Roma, 1564, por diligência de Carlos Borromeo; no ano seguinte, seria editado em Lisboa: por Francisco Correia. Seguiram-se as seguintes edições: Romae: apud Haereds Julij Accolti, 1582; Parisiis: apud Jacobum Kerver, 1583; *ibidem*: apud Michaellem Somnium, 1586; *ibidem*: apud Petrum Areche, 1644; *ibidem*: apud eumdem, 1667; Romae: apud Salvioni, 1715. Foi traduzido em francês por G. de Mello, com o título *Le devoir des Pasteurs*, Paris: chez Michel le Petit, 1672. Utilizamos a seguinte edição: *Estímulo de Pastores*. Trad. do Padre António Freire (S.J.). Fátima: Movimento Bartolomeano, 1981. Vol. VIII das *Obras Completas* (ver MÁRTIRES, 1981).

⁸³ *Cathecismo da doutrina Christã com algumas practicas espirituas em as Festas principaes, e alguns Domingos do anno para os leitores e Curas do seu Bispado lerem á estação nas Parochias, em que não houvesse Prêgação*. Braga: por Antonio de Mariz, 1564, 4º & ibi por Antonio Alvares, 1594; Evora: por Manoel de Lira, 1603 & ibi por Jorge Rodriguez, 1617 & ibi pelo mesmo impressor, 1628; Lisboa: por Henrique Valente de Oliveira, 1656. Traduzido em castelhano por Fr. Manoel Rodriguez (O.F.M.), Salamanca: por Diego Cussio, 1602 e também por João Aristizaval, Madrid, 1564 e em latim por Fr. Jacob Quetif (O.P.), *Cathecismi, sive doctrinae Christianae [...]*. Romae: apud Hyeronimum Maynardum, 1735. Utilizamos a seguinte edição: *Catecismo ou Doutrina Cristã e Práticas Espirituais*. Fátima: Movimento Bartolomeano, 1962. Vol. I das *Obras Completas* (ver MÁRTIRES, 1962).

⁸⁴ *Compendium Spiritualis Doctrinae ex varijs Sanctorum Patrum sententijs magna ex parte collectum*. Olyssipone: apud Antonium Riberium, 1582, editado por diligência de Fr. Luís de Granada; Matriti: apud Ludovicum Sanches, 1594; Parisiis: apud Guilielmum Chaudiere, 1601; Romae: per Carolum Vullietum, 1603; Coloniae: apud Quental, 1622; Venetiis: apud Petrum de Orlandis, 1711. Traduzido em castelhano por Fr. Placido Pacheco de Ribera (O.S.B.),

reedições e traduções⁸⁵ parecem, efectivamente, comprovar o seu sucesso — e terão, muito provavelmente, ter sido *best-sellers* durante esses tempos da Contra-Reforma. Todavia, como sublinha José Sebastião da Silva Dias, nenhum destes textos «se impõe pela agudeza ou originalidade dos conceitos; anima-os porém uma sinceridade de expressão e um radicalismo moral, que os tornaram queridos aos fautores da restauração católica»⁸⁶.

A obra de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, autor que viveu em um tempo dividido, mesclado por encruzilhadas⁸⁷, é enformada, sobretudo, por dois vectores: a centralidade da acção pastoral (indissociável da reforma do clero, essencial para a reforma da Igreja⁸⁸, que muito passa pela criação de seminários e investimento na formação pedagógica dos futuros presbíteros e prelados)⁸⁹, e muito especialmente do múnus episcopal, tomando Cristo como modelo por excelência, e a preocupação em tornar os fiéis «perfeitos cristãos», de molde a alcançarem a salvação eterna, intrinsecamente ligada ao papel fundamental da oração mental e afectiva — essa via fundamental para a perfeição e a contemplação — e da frequência dos sacramentos. De resto, como é bem sabido, D. Fr. Bartolomeu dos Mártires soube aproveitar as potencialidades disponibilizadas pelo aparecimento da imprensa, socorrendo-se, assim, das novas técnicas para a concretização da actividade pastoral: disso é exemplo a edição da tradução, por si encomendada a Fr. Diogo do Rosário (O.P.), da *Summa Caetana*, impressa à sua custa, em Braga, na Oficina de António de Mariz, em 1565, e da versão portuguesa do *Flos Sanctorum*, também da responsabilidade de Fr. Diogo do Rosário, impressa em Coimbra, em 1567⁹⁰.

Terá sido, muito compreensivelmente, a ambiência de quase generalizado relaxamento, ignorância e ambição por honras, benefícios e riquezas no seio do clero, nomeadamente por parte dos bispos⁹¹, que, pese embora o facto de algumas reformas terem sido já postas em marcha⁹², grassava em Portugal, no século XVI, que terá levado D. Fr. Bartolomeu dos Mártires a escrever o *Stimulus Pastorum*⁹³. Com efeito,

Valladolid: por Sebastian Cano, 1601; em português por Francisco Osório, prior da igreja de S. Vicente de Vila Franca, Lisboa: por Antonio Alvares, 1653; em francês por D. de Godeau, reitor da Universidade de Paris, sob o título *Abregé des Maximes della vie spirituelle recueilli des Sentimens des Peres*. Paris: per Delaulne, 1699. Utilizamos a seguinte edição: *Compendium Spiritualis Doctrinae*. Ed. bilingue latina e portuguesa; trad. do Padre António Freire (S.J.). Fátima: Movimento Bartolomeano, 2000. Vol. IX das *Obras Completas* (ver MÁRTIRES, 2000).

⁸⁵ Para além das reedições e traduções indicadas nas notas anteriores, saiu, em Roma, em 1734-35, uma edição das obras completas de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, sob a responsabilidade de Malachie d'Inquembert.

⁸⁶ DIAS, 1960: 84.

⁸⁷ CARVALHO, 1988: 8.

⁸⁸ MARQUES, 1994: 451.

⁸⁹ BARBOSA, 2011: 59-76.

⁹⁰ CASTRO, 1994: 17.

⁹¹ DIAS, 1960: 38-47.

⁹² FERNANDES, 2000: 26-31; CARVALHO, 2016.

⁹³ ROLO, 1981: XXVIII: «Na sua época, o comum dos bispos da cristandade estava longe de corresponder, pela sua virtude e zelo, ao carisma da graça conferida na sagração: pareciam mais senhores temporais ambiciosos de riquezas

esta moldura apresentava-se profundamente incompatível com a relação privilegiada, enquanto medianeiro, entre Deus e os Homens, ocupada pelos bispos, escorada no paradigma do Cristo Bom Pastor e no exemplo dos Apóstolos:

Estudem os bispos o conselho de Jetro e tomem como ditas para si pelo Senhor as palavras que ele sugeriu a Moisés nestes termos: Sê mediador do povo naquilo que diz respeito a Deus, para lhe expores os pedidos que lhe são dirigidos, e para ensinares ao povo as cerimónias e o modo de prestar culto a Deus, e os caminhos que deve trilhar. [...] Contra isto vão os bispos que se apartam da doçura da Sagrada Escritura e da santa contemplação, para se consagrarem totalmente aos pleitos e aos cuidados e negócios forenses: põem de parte os actos mais essenciais do seu múnus, que dizem respeito à salvação das almas, isto é, a meditação, a pregação, a leitura, a visita pastoral, etc.⁹⁴.

Com efeito, já no «Prólogo» dirigido «Ao cristão leitor», da responsabilidade de Diogo Paiva de Andrade, se encontra equacionada esta temática, como uma espécie de ‘leitmotiv’ que travejará todo o texto:

Na verdade, os bispos representam a pessoa de Cristo Jesus, que é o autor da nossa felicidade; a eles foi cometida a interpretação dos divinos oráculos, que nos indicam o caminho da felicidade; a eles foi confiada a administração dos sacramentos e de todos os dons celestes que servem de medicina às almas doentes e nos podem conciliar o amor de Deus, no qual está o compêndio da felicidade; a eles, finalmente, foi concedido o poder celeste de reprimir os vícios e espalhar as sementes da piedade⁹⁵.

O zelo da salvação das almas alcança, ao longo da obra, uma centralidade fulcral, enformada por um discurso pautado por uma espécie de uma emoção dramática:

A mim, aterra-me o peso da minha debilidade, quando penso nas contas que tenho de dar; como vou enfrentar Aquele a quem não apresento nenhum ou quase nenhum lucro do negócio que me confiou, quanto à salvação das almas⁹⁶.

e honras, e usufrutuários abusivos dos privilégios e benefícios do que sucessores autênticos do Bom Pastor de zelo heróico que dá a vida pelas suas ovelhas».

⁹⁴ MÁRTIRES, 1981: 250.

⁹⁵ MÁRTIRES, 1981: «Ao cristão leitor». Trad. de Manuel Augusto Rodrigues, p. LXI.

⁹⁶ MÁRTIRES, 1981: 251.

Neste sentido, o arcebispo de Braga compõe um texto — que, certamente, almejava que se tornasse em uma espécie de *vade mecum* para esses «pastores de almas» que são os bispos —, na medida em que é claro o seu investimento no esforço de interiorização do rigor pastoral, não só no que diz respeito à doutrina, como também do *múnus* pastoral, e da importância de que se reveste o zelo da salvação das almas⁹⁷.

Como realçaram Hubert Jedin e Giuseppe Alberigo, o *Stimulus Pastorum* foi bastante apreciado por Carlos Borromeo, arcebispo de Milão e sobrinho do papa Pio V, que D. Fr. Bartolomeu dos Mártires conheceu em Roma, no Outono de 1563: neste sentido, não nos parecerá inusitado afirmar que este «livrinho» tivesse servido como um manual orientador da actividade pastoral desenvolvida por aquele, que, como é sabido, acabaria por ser canonizado, em 1610⁹⁸.

Designado, por Fr. Raul de Almeida Rolo, como uma «“arte” de ser Santo»⁹⁹, o *Compendium Spiritualis Doctrinae* apresenta-se como uma obra tecida graças à influência de fontes de vária natureza, entre as quais se destacam textos dos «mestres da contemplação», como Dionísio Areopagita, São Bernardo, São Boaventura ou Jean Gerson¹⁰⁰, não «fugindo» da técnica de construção de uma «santidade pessoal», escorada na Teologia mística e na prática da oração, na medida em que todos os cristãos, independentemente do seu estado, estão aptos para alcançarem a salvação eterna.

A obra encontra-se dividida em duas partes: a primeira trata da «virtude da mortificação e da purificação dos vícios» e a segunda centra-se na «importância e valor da oração».

Na primeira parte, D. Fr. Bartolomeu dos Mártires chama a atenção para a necessidade de, em um itinerário rumo à perfeição cristã, calibrado pela importância da Teologia Mística, expurgar a alma dos vícios e desprezar os bens e laços mundanos, materializando o ideal de *contemptus mundi* e tomando Cristo como modelo:

Queria que te persuadisses bem de que, se não te abnegas com total entrega, não poderás seguir o Salvador, nem poderás alcançar a Sua graça sem solicitude e trabalho constante.

⁹⁷ MÁRTIRES, 1981: XXXIII. «O bispo que Bartolomeu apresenta no *Stimulus* e encarnou na sua pessoa tem de ser uma alma de eminente santidade e de uma inteligência iluminada de verdade divina, homem dado à oração e contemplação, de consciência e constância inabaláveis; tem de ser um pastor completamente consagrado às funções próprias do seu *múnus*, grave no porte, sóbrio na mesa, humilde e modesto na sua pessoa e no seu séquito, afável com a grei, misericordioso e liberal com todos, magnânimo e paciente nas adversidades e nas perseguições. Pastor de almas, a sua primeira obrigação é pregar a palavra de Deus, administrar zelosamente a justiça, perseverar impertérrito no extermínio do pecado. O bispo não tem outro modelo senão Jesus Cristo».

⁹⁸ JEDIN & ALBERIGO, 1985: 116. Outra obra que desempenhou um papel importantíssimo no sentido de uma delimitação do modelo do «bispo pastor» pós-tridentino foi o *De officiis et moribus episcoporum* (1565), de Fr. Luis de Granada.

⁹⁹ ROLO, 1990: 87-110.

¹⁰⁰ CASTRO, 2000: XV-XVII.

*De igual modo, é necessário bater com frequência à Sua porta, sem o que não entrarás na paz do espírito. Se o temor de Deus não estiver sempre a conter-te, a tua casa depressa desabarará sobre o abismo*¹⁰¹.

Pesem embora as dificuldades e os entraves que surgem neste caminho de natureza espiritual, expressos por metáforas¹⁰², o cristão deve escudar-se no amor a Deus, na meditação na Paixão de Cristo¹⁰³, no exercício das virtudes e no medo do inferno¹⁰⁴.

O religioso dominicano, que se dirige, frequentemente, ao leitor por meio da metáfora «atleta de Cristo», repete, de forma quase insistente, a urgência em adoptar o ideal de *contemptus mundi*, escorado na mortificação e abnegação, na prática da oração, sobretudo mental. Neste sentido, o *Compendium* faz eco de um apelo universal à santidade, que deverá, naturalmente, ser escorada na ortodoxia da fé, na «heroicidade de virtudes» e nas práticas espirituais e devotas, defendendo que a salvação era algo acessível a todos, independentemente do seu estado, e não uma prerrogativa apenas de religiosos e eclesiásticos.

Um outro exemplo ilustrativo que poderá ser evocado é o de D. António Mendes de Carvalho († 1591), bispo de Elvas, revisitado por Jorge Cardoso no I tomo do *Agiologio Lusitano*:

*no estado da casa, & tratamento de sua pessoa, mais parecia de Sacerdote particular, que de Bispo. Pois não vsaua outros manjares, que os ordinários, que dava a seus domésticos, sem ter pajens, nem porteiros, cujos officios escusava, residindo na primeira sala para ser achado de todos facilmente, o que fazia por forrar gastos para ter mais que dar aos pobres: com elles liberal, & caritatiuo spendia todas suas rendas, ardendo em excessiuos desejos da saluação de suas ouelhas, sendo incançauel no seruiço da Igreja, acudindo pessoalmente às horas Canonicas, administrando os Sacramentos aos sãos, i enfermos, prégando cada dia ao pouo a Euangelica doutrina*¹⁰⁵.

¹⁰¹ MÁRTIRES, 2000: 24.

¹⁰² MÁRTIRES, 2000: 25: «É que o mundo, em cujas ondas vivemos agitados, é encapelado por várias tempestades. Por isso aquele que vê com desgosto a nau do seu coração, sacudida por balanços mundanos, ser atirada contra os escolhos pela fúria dos ventos ou completamente submersa por alterosas vagas, tem de prendê-la com as amarras dos bons pensamentos a uma rocha imóvel. Essa rocha é Cristo».

¹⁰³ MÁRTIRES, 2000: 34.

¹⁰⁴ MÁRTIRES, 2000: 43: «Pondera quantos milhares de homens estão no inferno, que ofenderam muito menos do que tu a Divina Majestade».

¹⁰⁵ CARDOSO, 1652: Tomo I, 91.

Um outro exemplo a que poderíamos recorrer é «corporizado» pelo cardeal-rei D. Henrique¹⁰⁶. A historiografia de pendor hagiográfico, como, por exemplo, a *Historia de las Virtudes y Oficio Pastoral del Srmo. Cardenal Don Enrique Arzobispo de Évora que después fue gloriosísimo rey de Portugal*, composta por Fr. Luís de Granada¹⁰⁷, legou-nos um retrato de D. Henrique, «religiosissimo Principe» «de tanta cualidad», pautado, sobretudo, pela excepcionalidade das suas virtudes pastorais e pessoais, destacando-se, nestas, pela sua contínua e extremada oração, penitência, prudência, humildade, caridade e castidade. De resto, também o Doutor Francisco de Monzón, na dedicatória dos seus *Avisos espirituales* (1563)¹⁰⁸, dirigida ao cardeal D. Henrique, compara-o ao rei David, devido às suas virtudes, exaltando-o, de igual modo, como «perfeito pastor» das suas «ovelhas» e «verdadero sacerdote euágelico»¹⁰⁹.

Um outro exemplo a que poderíamos recorrer é «corporizado» por D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa entre 1586 e 1625¹¹⁰. A este prelado dedicou António Carvalho de Parada os *Dialogos sobre a vida, e morte de Bartholameu da Costa Thezoureiro Mór da Sé de Lisboa* (Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1611), na medida em que, de acordo com as palavras do autor, D. Miguel de Castro conviveu muito de perto com o «Tesoureiro Santo». Com efeito, conhecendo que D. Miguel de Castro «todo o tẽpo, & forças» «emprega no bom governo de suas ovelhas, principalmente do Clero, cuja reformação he o que mais» lhe «recrea», António Carvalho de Parada não hesitou em ocupar-se da redacção deste «breue tratado da vida de hũ taõ verdadeiro, & exẽplar Sacerdote, como o Thezoureiro mór»¹¹¹, o que aponta, desde logo, para o retrato de um eclesiástico cujo comportamento e linhas de acção estariam em sintonia com o contexto de reforma pastoral e evangélica proposta na sequência dos decretos tridentinos. De resto, para esta exemplaridade do «Tesoureiro Santo» terá contribuído o facto de o arcebispo D. Miguel de Castro tê-la ajudado a «cultuiar cõ sua doutrina, & exẽplo»¹¹².

Mas a metáfora do «Bom Pastor» surge também aplicada a «varões ilustres em virtude» que não haviam sido bispos, nomeadamente a missionários que desenvolveram uma significativa actividade de evangelização além-mar. Assim o testemunha o *Triumvirato espiritual, e historico nas prodigiosas vidas de 3 insignes varoens, o veneravel Padre Diogo Ortis, o veneravel D. Fr. Agostinho da Corunha Bispo de Popayan, e do veneravel Irmão Bartholameu Lourenço Portuguez da Companhia de Jesus* (Lisboa:

¹⁰⁶ Sobre D. Henrique, veja-se: POLÓNIA, 2005a. Leia-se também: POLÓNIA, 1989; POLÓNIA, 2005b: 17-37.

¹⁰⁷ Obra dedicada ao cardeal Alberto, arquiduque de Áustria, em que o autor exalta, sobretudo, as suas «heroicas virtudes y las obras que hizo en utilidad y provecho común de la Iglesia», que, a seu ver, constituem um alto exemplo a ser imitado por todos os prelados. Cf. GRANADA, 1906a: 367-397.

¹⁰⁸ Impressos em Lisboa, por João Blávio.

¹⁰⁹ MONZÓN, 1563: «dedicatória».

¹¹⁰ OLIVAL, 2018: 617-627.

¹¹¹ PARADA, 1611: «dedicatória».

¹¹² PARADA, 1611: «dedicatória».

por Antonio Pedrozo Galvão, 1722) de Fr. Agostinho de Santa Maria (O.S.A.), nomeadamente no que diz respeito à construção de um retrato de matriz hagiográfica do agustiniano Fr. Diego Ortiz, missionário e mártir no Peru:

*Todas as qualidades de bom Pastor concorrião no noso servo de Deos Fr. Diogo, a quem a Caridade, & o ardente zelo do bem de feus filhos os Indios, ovelhas do feu rebanho, o fazião andar desvelado, & não poupar o trabalho, por mais arduo que fosse, só pelos converter, & encaminhar pelo verdadeyro caminho da sua salvação*¹¹³.

Os exemplos evocados parecem-nos, efectivamente, mostrar que a Bíblia e, neste caso concreto, a imagem do Bom Pastor continua a funcionar, nos séculos XVI e XVII, como um macro-texto, graças, em boa medida, à plasticidade que a configura. De facto, os autores dos séculos XVI e XVII, declinando estratégias e recursos retóricos, recuperam e revalorizam figuras e perícopes bíblicas, revestindo-as de novos (ou renovados) significados ou configurações, reactualizados à luz do contexto da Contra-Reforma. Deste modo, assistiu-se à (re)actualização de certos modelos de santidade, tal como o do bispo, na linha das directrizes tridentinas, que veio favorecer a revalorização do espírito evangélico, do zelo pastoral e da cura de almas, assumindo como referência os decretos conciliares tridentinos, embora, na prática, certos aspectos que equacionavam esta problemática, como, por exemplo, os provimentos dos prelados, vinham continuando a ser pautados por moldes anteriores, reflectindo, deste modo, a confluência de poderes e influências diversos¹¹⁴. Assim, tendo em conta este universo, pretendemos, na medida do possível, «iluminar» alguns dos possíveis caminhos de investigação no domínio da literatura e da história da espiritualidade. Mas esta moldura permanece ainda bastante opaca e poderá, talvez, tornar-se mais clara, à medida que outra documentação e outras fontes, não raras vezes ainda inéditas, permitam a comparação de dados.

REFERÊNCIAS

Fontes

- AGOSTINHO, Nicolau (1614)— *Relação summaria da vida do ilustríssimo e reverendíssimo senhor D. Teotónio de Bragança, arcebispo de Évora*. Évora: por Francisco Simões.
- ALFARO, Fr. Gregorio de (1617) — *Vida del Illustrissimo Señor D. Francisco de Reynosso Obispo de Cordoba*. Valladolid: Francisco Fernandez de Cordoba.
- ANJOS, Fr. Luís dos (O.E.S.A.) (1612) — *De vita, et laudibus S. P. N. Aur. Augustini hipponensi episcopi*. Coimbra: por Diogo Gomes de Loureiro.

¹¹³ SANTA MARIA, 1722: 10.

¹¹⁴ PAIVA, 2005: 279-291; SILVA, 2013.

- BERNARDO, D. (1959) — *Vida de S. Geraldo*. Tradução, notas e posfácio de José Cardoso. Braga: Livraria Cruz.
- CARDOSO, Jorge (1652) — *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres... Tomo I*. Lisboa: na Officina Craesbeeckiana. Reeditado por Maria de Lurdes Correia Fernandes. Porto: FLUP, 2002.
- (1657) — *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres... Tomo II*. Lisboa: por Henrique Valente de Oliveira. Reeditado por Maria de Lurdes Correia Fernandes. Porto: FLUP, 2002.
- CASTRO, Aníbal Pinto de (2000) — *Introdução*. In MÁRTIRES, D. Fr. Bartolomeu dos — *Compendium Spiritualis Doctrinae*. Ed. bilingue latina e portuguesa; trad. do Padre António Freire (S.J.). Fátima: Movimento Bartolomeano. Vol. IX das *Obras Completas*.
- CUNHA, D. Rodrigo da (1623) — *Catalogo e historia dos bispos do Porto*, Porto, por João Rodrigues.
- (1634) — *Historia ecclesiastica dos arcebispos de Braga. Parte primeira*. Braga: por Manoel Cardoso.
- (1635) — *Historia ecclesiastica dos arcebispos de Braga. Parte segunda*. Braga: por Manoel Cardoso.
- (1642) — *Historia ecclesiastica da Igreja de Lisboa. Vida e açoens de seus preladados, e varões eminentes em santidade, que nella florescerão. Parte I*. Lisboa: por Manoel da Sylva.
- ERASMO DE ROTERDÃO (2012) — *Elogio da Loucura*. Tradução do latim e notas por Alexandra de Brito Mariano. Lisboa: Vega.
- GLÓRIA, Soror Madalena da (O.S.C.) (1744) — *Águia real, feniz abrazado e pelicano amante. Historia panegirica e vida prodigiosa do ínclito patriarcha que alcançou ouvir da boca de Deos o titulo de grande, Santo Agostinho*. Lisboa: na Officina Pinheirense da Musica e da sagrada religião de Malta.
- GRANADA, Fr. Luís de (O.P.) (1906a) — *Vida del V. D. Fr. Bartolomé de los Mártires*. In *Obras de Fr. Luis de Granada de la Orden de Santo Domingo*. Ed. crítica y completa de Fr. Justo Cuervo (O.P.). Madrid: Imprenta de la Viuda e hija de Gómez Fuentenebro, tomo XIV, p. 323-366, 416, 419.
- (1906b) — *Historia de las virtudes y oficio pastoral del Srmo. Cardenal Don Enrique arzobispo de Évora que después fue gloriosíssimo Rey de Portugal*. In *Obras de Fr. Luis de Granada de la Orden de Santo Domingo*. Ed. crítica y completa por Fr. Justo Cuervo (O.P.). Madrid: Imprenta de la Viuda e Hija de Gómez Fuentenebro, tomo XIV, p. 367-397.
- LEÃO PINELLO, António (1654) — *Vida del Ilustrissimo, y Reverendissimo Señor D. Toribio Affonso Mogreveje Arcebispo dela Ciudad delos Reyes Lima*. Madrid: [s.n.].
- LEÃO PINELLO, Diogo (1633) — *Epitome dela vida, y muerte de D. Fernando Arias Ugarte, electo Obispo de Panamá*. In LEÃO, Diogo Lopes de Lisboa — *Vida del Ilustrissimo Doctor D. Fernando Arias Ugarte, Auditor General, que fue dela guerra de Aragon, Oydor delas Chancillarias de Panamá, Plata, Lima: Corregidor do Potosi, Governador de Guancavelia, Visitador del Tribunal dela Santa Cruzada, electo Obispo de Panamá, Obispo de Quito, Arçobispo dela Plata, Arcebispo que murió dela insigne Metropoli delos Reys*. Lima: por Pedro de Cabrera.
- LOZANO, Cristóbal (1641) — *El Buen Pastor. Espejo de curas y sacerdotes. Escrito con las plumas de los 4 Euangelistas*. Tortosa: en la Imprenta de Francisco Martorell.
- MÁRTIRES, D. Fr. Bartolomeu dos (O.P.) (1962) — *Catecismo ou Doutrina Cristã e Práticas Espirituais*. Fátima: Movimento Bartolomeano. Vol. I das *Obras Completas*.
- (O.P.) (1981) — *Estímulo de Pastores*. Trad. do Padre António Freire (S.J.). Fátima: Movimento Bartolomeano. Vol. VIII das *Obras Completas*.
- (O.P.) (2000) — *Compendium Spiritualis Doctrinae*. Ed. bilingue latina e portuguesa; trad. do Padre António Freire (S.J.). Fátima: Movimento Bartolomeano. Vol. IX das *Obras Completas*.
- MELO, D. Francisco Manuel de (1648) — *El fenis de Africa, Agustino Aurelio, obispo hiponense hallado entre las inmortales cenizas de su memoria*. Lisboa: por Paulo Craesbeeck, Parte I.
- (1649) — *El fenis de Africa, Agustino Aurelio, obispo hiponense hallado entre las inmortales cenizas de su memoria*. Lisboa: por Paulo Craesbeeck, Parte II.
- MONZÓN, Doutor Francisco de (1563) — *Avisos espirituales*. Lisboa: por João Blávio.

- NUÑEZ DE CEPEDA, Francisco (S.J.) (1682) — *Idea de el Buen Pastor copiada de los SS. Doctores representada en Emblemas Sacros con avisos espirituales, morales, politicos y economicos para el gobierno de un Principe Ecclesiastico*. León: a costa de Anisson y Posuel.
- PACHECO, Fr. Duarte (O.E.S.A.), trad. (1629) — *Epítome da vida apostólica e milagres de S. Tomás de Vila Nova, com um epítome dos religiosos que nas províncias de Portugal e Castela tiveram nome*. Lisboa: por Pedro Craesbeeck.
- PARADA, António Carvalho de (1611) — *Dialogos sobre a vida, e morte de Bartholameu da Costa Thezoureiro Mór da Sé de Lisboa*. Lisboa: por Pedro Craesbeeck.
- SANTA MARIA, Fr. Agostinho de (O.S.A.) (1722) — *Triumvirato espiritual, e historico nas prodigiosas vidas de 3 insignes varoens, o veneravel Padre Diogo Ortis, o veneravel D. Fr. Agostinho da Corunha Bispo de Popayan, e do veneravel Irmão Bartholameu Lourenço Portuquez da Companhia de Jesus*. Lisboa: por Antonio Pedrozo Galrão.
- SOUSA, Fr. Luís de (O.P.) (1619) — *Vida de D. Fr. Bartholameo dos Martyres da Ordem dos Pregadores*. Viana do Castelo: por Nicolau Carvalho.
- (1984) — *A Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, introdução de Aníbal Pinto de Castro; fixação do texto de Gladstone Chaves de Melo e Aníbal Pinto de Castro. Lisboa: IN-CM/Movimento Bartolomeano.
- SUMARIO de la vida del primer arzobispo de Granada don fray Hernando de Talavera. Évora: por André de Burgos, 1557.
- TOLENTINO, Fr. Nicolau (O.E.S.A.) (1729) — *Fenix de África o exímio dos Doutores meu grande Padre Santo Agostinho renacido a novas venerações e festivos aplausos das reliquias de seu sagrado corpo descubertas no primeiro de Outubro de 1695*. Lisboa: por Pedro Ferreira.
- VASCONCELOS, Diogo Mendes de (1591) — *Vita Gondisalvi Pinarii Episcopi Visensis*. Eborae: apud Martinum Burgensem.
- VITÓRIO, Francisco Álvares (1748) — *Vida e acções memoraveis do veneravel D. Fr. Bartholomeu dos Martyres... dividido em duas Partes, e extrahido dos excellentes escritos de Fr. Luiz de Granada, Fr. Luiz de Cacegas, Fr. Luiz de Sousa, e Luiz Munós. Primeira parte*. Lisboa: Oficina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galram.
- VITÓRIO, Francisco Álvares (1749) — *Vida e acções memoraveis do veneravel D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. Segunda parte*. Lisboa: Oficina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galram.

Estudos

- ABREU, Laurinda (2004) — *O arcebispo D. Teotónio de Bragança e a reestruturação do sistema assistencial da Évora Moderna*. In ABREU, Laurinda, ed. — *Igreja, caridade e assistência na Península Ibérica (sécs. XVI-XVIII)*. Évora: CIDEHUS/Edições Colibri, p. 155-165.
- AIGRAIN, René (2000) — *L'hagiographie. Ses sources, ses méthodes, son histoire*. Reproduction inchangée de l'édition originale de 1953. Bruxelles: Société des Bollandistes.
- ALVES, Herculano (1996) — *O Pastor*. «Revista Bíblica», Março-Abril, Ano 42, n.º 243, p. 5-12.
- BARBOSA, David Sampaio (2011) — *Arquétipo de pároco na vida e na obra de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga (1559-1582): uma aproximação histórica*. «Lusitania Sacra», 2.ª série, tomo XXIII (Janeiro-Junho 2011), p. 59-76.
- BROWN, Peter (1984) — *Le culte des saints. Son essor et sa fonction dans la chrétienté latine*. Traduction de Aline Rousselle. Paris: Les Éditions du Cerf.
- BUESCU, Ana Isabel (2015) — *A reconfiguração das dioceses no reinado de D. João III: poder(es) e conflito(s)*. In FRANCO, José Eduardo; COSTA, João Paulo Oliveira e, dir. — *Diocese do Funchal*.

- A Primeira Diocese Global. Cultura e Espiritualidades. Actas do Congresso, 17-20 de Setembro de 2014.* Funchal: Diocese do Funchal/Esfera do Caos Editores, p. 143-152.
- (2018) – *Fernando de Meneses Coutinho e Vasconcelos (1540-1564)*. In FONTES, João Luís Inglês, ed.; GOUVEIA, António Camões; ANDRADE, Maria Filomena; FARELO, Mário, coord. — *Bispos e Arcebispos de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 575-584.
- BURKE, Peter (1995) — *Louis XIV. Les stratégies de la gloire*. Paris: Éditions du Seuil.
- CARDOSO, António de Brito (1952) — *Sinopse dos Quatro Evangelhos*. Coimbra: [s.n.].
- CARVALHO, José Adriano de Freitas (1988) — *O Contexto da Espiritualidade Portuguesa no tempo de Frei Bartolomeu dos Mártires*. «Eborensia», ano I, n.º 1 e 2, p. 3-37.
- (2016) — *Antes de Lutero: a Igreja e as reformas religiosas em Portugal no século XV. Anseios e limites*. Porto: CITCEM/Afrontamento.
- CASTRO, Aníbal Pinto de (1988) — *Perfil Espiritual de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*. «Eborensia», ano I, n.º 1 e 2, p. 145-168.
- (1994) — *A personalidade de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires no contexto do seu tempo*. In *IV Centenário da Morte de D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Actas do Congresso Internacional*. Fátima: Movimento Bartolomeano, p. 11-24.
- CURTIUS, E. R. (1990) — *European Literature and the Latin Middle Ages*. Princeton: Princeton University Press.
- DEKONINCK, Ralph (2005) — *Ad Imaginem. Statuts, fonctions et usages de l'image dans la littérature jésuite du XVIIe siècle*. Genève: Droz.
- DELUMEAU, Jean (1983) — *Le péché et la peur. La culpabilisation en Occident (XIII-XVIII siècles)*. Paris: Fayard.
- DIAS, José Sebastião da Silva (1960) — *Correntes de sentimento religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII)*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2 tomos.
- DOMINGUES, Joaquim; GALA, Elísio; GOMES, Pinharanda (2000) — *Santo Agostinho na cultura portuguesa: contributo bibliográfico*. Lisboa: Fundação Lusíada.
- DUCHET-SUCHAUX, Gaston; PASTOUREAU, Michel (1994) — *La Bible et les Saints. Guide iconographique*. Paris: Flammarion.
- DULAEY, M. (1993) — *La parabole de la brebis perdue dans l'Eglise ancienne: de l'exégèse à l'iconographie*. «Revue des Etudes Augustiniennes», vol. 39, n.º 1, p. 3-22.
- EUSÉBIO, Maria de Fátima (2005) — *A apropriação cristã da iconografia greco-latina: o tema do Bom Pastor*. «Máthesis», n.º 14, p. 9-28.
- FERNANDES, Maria de Lurdes Correia (2000) — *Da reforma da Igreja à reforma dos cristãos: reformas, pastoral e espiritualidade*. In AZEVEDO, Carlos Moreira de, dir. — *História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. II, p. 15-38.
- FREI Bartolomeu dos Mártires (1514-1590). Catálogo biblio-iconográfico*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1991.
- GAJANO, Sofia Boesch (1999) — *La Santità*, Roma-Bari: Laterza & Figli.
- GRÉGOIRE, Réginald (1996) — *Manuale di Agiologia. Introduzione alla letteratura agiografica*. 2.ª ed. Fabriano: Monastero San Silvestro Abate.
- JEDIN, Hubert (1972) — *História del Concilio de Trento*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra.
- JEDIN, Hubert; ALBERIGO, Giuseppe (1985) — *Il tipo ideale di vescovo secondo la riforma cattolica*. Brescia: Morcelliana.
- LECLERCQ, Henri (1938) — *Bon Pasteur*. In *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie*. Paris: Librairie Letouzey et Ané.
- MACHADO, Ana Maria e Silva (1994) — *Estratégias hagiográficas em Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, de Frei Luís de Sousa*. In *IV Centenário da morte de D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Actas do Congresso Internacional*. Fátima: Movimento Bartolomeano, p. 671-684.

- MARQUES, José (1994) — *Actualidade do legado de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*. Separata de «Theologica», 2.ª série, 29-2, p. 447-464.
- MARTINS, José V. de Pina (1991) — *Espiritualidade e Humanismo na obra de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*. In *Frei Bartolomeu dos Mártires (1514-1590)*. Catálogo biblio-iconográfico. Lisboa: Biblioteca Nacional, p. 1-11.
- MATTOSO, José (1996) — *Le Portugal de 950 à 1550*. In PHILIPPART, Guy, dir. — *Hagiographies. Histoire internationale de la littérature latine et vernaculaire en Occident des origines à 1550*. Turnhout: Brepols, vol. II, p. 83-102.
- MENDES, Paula Almeida (2017) — *Paradigmas de Papel: a edição de «Vidas» de santos e de «Vidas» devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Porto: CITCEM.
- NUBOLA, Cecilia (1996) — *Visite pastorali fra Chiesa e Stato nei secoli XVI e XVII*. In PRODI, Paolo; REINHARD, Wolfgang, a cura di — *Il Concilio di Trento e il moderno*. Bologna: Società Editrice il Mulino, p. 383-413.
- OLIVAL, Fernanda (2018) — *Miguel de Castro (1586-1625)*. In FONTES, João Luís Inglês, ed.; GOUVEIA, António Camões; ANDRADE, Maria Filomena; FARELO, Mário, coord. — *Bispos e Arcebispos de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 617-627.
- OSSWALD, Maria Cristina Trindade Guerreiro (1996) — *O Bom Pastor na imaginária indo-portuguesa em marfim*. Porto: Edição do Autor, 2 vols. Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- PAIVA, José Pedro (2002) — *La reforme catholique au les visites pastorales des évêques*. «Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian», n.º 43, p. 159-175.
- (2005) — *Origini e carriere vescovili nel Portogallo moderno: una visione comparata*. In *A Igreja e o clero português no contexto europeu*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa/Universidade Católica Portuguesa, p. 279-291.
- (2006) — *Os bispos de Portugal e do Império (1495-1777)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- (2007) — *Um príncipe na diocese de Évora: o governo episcopal do cardeal infante D. Afonso (1523-1540)*. «Revista de História da Sociedade e da Cultura», vol. 7, p. 127-174.
- (2011) — *Baluartes da fé e da disciplina. O enlace entre a Inquisição e os bispos em Portugal (1536-1750)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- PALOMO, Federico (1995) — *La autoridad de los prelados tridentinos y la sociedad moderna. El gobierno de don Teotónio de Braganza en el arzobispado de Évora (1578-1602)*. «Hispania Sacra», vol. 47, p. 587-624.
- (2006) — *A contra-reforma em Portugal (1540-1700)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- POLÓNIA, Amélia (1989) — *O Cardeal D. Henrique, Arcebispo de Évora: um prelado no limiar da viragem tridentina*. Porto: [Edição do Autor]. Dissertação apresentada para Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica Científica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- (2005a) — *D. Henrique: o cardeal rei*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- (2005b) — *Espaços de intervenção religiosa do Cardeal Infante D. Henrique: actuação pastoral, reforma monástica e inquisição*. Separata de *Em torno dos espaços religiosos monásticos e eclesiais-ticos. Colóquio de Homenagem a Fr. Geraldo Coelho Dias*. Porto: Universidade do Porto/Instituto de História Moderna, p. 17-37.
- ROLO, Raul Almeida (O.P.) (1965) — *L'èvêque de la Réforme tridentine. Sa mission pastorale d'après le vénérable Barthélémy des Martyrs*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos.
- (1981) — *Introdução*. In MÁRTIRES, D. Fr. Bartolomeu dos (O.P.) — *Estímulo de Pastores*. Trad. do Padre António Freire (S.J.). Fátima: Movimento Bartolomeano. Vol. VIII das *Obras Completas*.

- (1987) — *A renúncia de D. Frei Bartolomeu dos Mártires: teologia e história*. Separata da «Revista de História das Ideias», vol. 9, p. 161-189.
- (1990) — *Uma “Arte” de ser Santo (Compendium Spiritualis Doctrinae) de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*. «Bracara Augusta. Quarto Centenário da Morte do venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires», vol. XLII, n.º 93 (106), p. 133-155.
- SILVA, Hugo Ribeiro da (2013) — *O clero catedralício português e os equilíbrios sociais do poder (1564-1670)*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa/Universidade Católica Portuguesa.
- SOT, Michel (1981) — *Gesta episcoporum, gesta abbatum*. Turnhout: Brepols.
- SPIESER, Jean-Michel (2015) — *Images du Christ. Des catacombes aux lendemains de l'iconoclasme*. Genève: Droz.
- TELLECHEA IDÍGORAS, J. Ignacio (1997) — *El obispo ideal según el concilio de Trento*. In MOZZARELLI, Cesare; ZARDIN, Danilo, *a cura di — I tempi del Concilio. Religione, cultura e società nell'Europa tridentina*. Roma: Bulzoni Editore, p. 207-223.
- TÉZÉ, J.M. (1988) — *Théophanies du Christ*. Paris: [s.n.].
- TURCHINI, Angelo (1996) — *La visita come strumento di governo del territorio*. In PRODI, Paolo; REINHARD, Wolfgang, *a cura di — Il Concilio di Trento e il moderno*. Bologna: Società Editrice il Mulino, p. 335-382.
- VAUCHEZ, André (1988) — *La sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Âge. D'après les procès de canonisation et les documents hagiographiques*. Rome: École Française de Rome.